

1
ESCRITO

Reporter.

Semanario das
grandes reportagens

ANO I

18 de Outubro de 1930

Numero 11



**LER NESTE NUMERO: O arauto da morte — Cobras
— e lagartos — O funeral do Marquês, etc., etc.. —**

GRANDE HOTEL DA BATALHA

Completamente renovado

MANUEL FERRAZ & C., L. DA

Magníficas instalações
Serviço de mesa primoroso
EXPLÉNDIDA SALA DE JANTAR
TELEFONE, 247

Higiene e conforto

P. DA BATALHA = PORTO

MANUEL JOAQUIM BARBOSA

PAPEIS, ARTIGOS GRÁFICOS, COMISSÕES E CONTA PRÓPRIA
Telefone 5039

Rua da Picaria, 37 — PORTO

Visite V. Ex.º

Hotel Restauração Pinto Bessa

Rua da Estação, 56-PORTO-Telef. 4524

Instalações modernas—Quartos com todo o conforto e higiene—Quarto de banho em todos os andares—Permanente serviço de restaurant—Preços módicos—Visita-lo e preferi-lo.

Proprietário — LUIZ CORREIA

CAFÉ CONCERTO PRIMAVERA

Travessa da Picaria, 28
O maior Salão Dancing do Porto

TODAS AS NITES NOVAS VA-RIEDADES — «SOIRÉES»

Serviço de Restaurant e Gabinete ABERTO TODA A NOITE

CONSTRUÇÕES E REPARAÇÕES DE PREDIOS

Especialidades em pinturas

A. R. CARVALHO

Construtor civil diplomado

Rua da Picaria, 8 — PORTO

VICTORIA CAFÉ

Praça Guilherme Gomes Fernandes, 66

BAR

Galeria de Paris, 109 — PORTO

O mais confortável
mais completo
mais higiénico

Oferecendo estilo de todas as noites

Fados pela cantaria: Luiz Leonor Fialho — Expléndidos salões de Jogos, Bilihares e Ping-Pong — Pequenos almocós, Lanches — Comentos todos os dias — das 21 horas em diante

NICOLAU FERRAZ

Espanha, França, Brasil e América do Norte



PASSAPORTES

Agente no Norte

da United States Lines

TELEFONE, 762

Rua do Loureiro, 60, 62 PORTO

É caro? É! Mas no ESCONDIDINHO

come-se, porque o ESCONDIDINHO

é quem melhor serve.

A sua cozinha, os seus «ménus», os seus serviços, os seus talheres, os seus vinhos são celebres e não têm rival.

Rua Passos Manuel — PORTO

V. Ex.ª Deseja comprar barato?

Elegante? Na última moda?

EXPERIMENTE E VERÁ!!!

SAPATARIA LAGES

R. Santo Ildefonso, 20-PORTO

MAQUINAS FOTOGRAFICAS

DANIEL AUGUSTO BENTO

A pagamentos semanais de 10\$00, com sorteio pela lotaria de Lisboa

FOTO-ESTRELA POLAR

62 — Rua de Santa Catarina — 54
Telefone: 2158 PORTO

SABÃO CASTELO

O melhor produto para tirar nodosas
Preço 1\$00
Á venda em todas as drogeries

COELHO DA COSTA

AGENTE OFICIAL

Trata de todos os documentos e tira passaportes para o Brasil, França, etc., e vende passagens em todas as classes, tanto para embarcar em Leitões como em Lisboa

Escrever ou falar para a

RUA CHÁ, 129-132 — PORTO

Agencia 1412
TELEFONES (Residência 2187)

Mendonça, L. da

COMPRA E VENDA

DE PROPRIEDADES

COLOCAÇÃO DE CAPITAL

EM 1.ª HIPOTECAS

Rossio, 74-1.º

Encerados

Capas e fatos de oleado

Gabardines desde 150\$00

Consultem a

Fábrica Portuense de Encerados

Rua da Restauração, 132

TELEFONE 4770

PORTO

VISITE o CLUB RITZ

R. Fernandes Tomaz, 817

PORTO

Expléndida orquestra «JAZZ»
A CANÇÃO NACIONAL pelos mais afamados cantores do
— PORTO e LISBOA —

MODICIDADE DE PREÇOS

Antes de comprar uma maquina de escrever portátil ou para a escritório, sirva-se V. Ex.ª pedir oferta da

UNDERWOOD

ao agente:

CARLOS DUNKEL-R. Sá da Bandeira, 62

Telefone: 1013 — PORTO

Escudos 3\$00

20 SEMANAS

Os melhores e mais chic chapéus a prestações e com bonus

Inscruva-se já para esta semana por apresentação ou conhecimento

terá um bom chapéu no acto da inscrição

Chapeleria Portela

Telefone 1776

Praça dos Poveiros, 80

PORTO

“GARANTIA”

COMPANHIA DE SEGUROS

(FUNDADA EM 1853)

Capital integralizado Esc. 1.000.000\$00
Reservas em 31 de Dezembro de 1927
Esc. 6611.363\$33

Os segurados da «GARANTIA» devem ter sempre em vista que nenhuma outra Companhia Ilíc. pode oferecer maiores vantagens: o seguro de vida obedece á matemática e esta é uma sci. O que os segurados devem exigir é idoneidade da Companhia, e, neste ponto, a «GARANTIA» tem a esculda e o seu passado

Rua Ferreira Borges, 37 — PORTO

(EDIFICIO PRÓPRIO)

DELEGAÇÃO CENTRAL

Praça de Liberdade, 13 e 14

Casa Bancaria Sousa, Cruz & Co., Lda

DELEGAÇÃO EM LISBOA

Rua de S. Julião, 63 a 71

(EDIFICIO PRÓPRIO)

AGENCIA “A PORTUENSE”

(DAS MAIS ANTIGAS DE PORTUGAL)

Passagens e Passaportes

— Honestidade e competência —

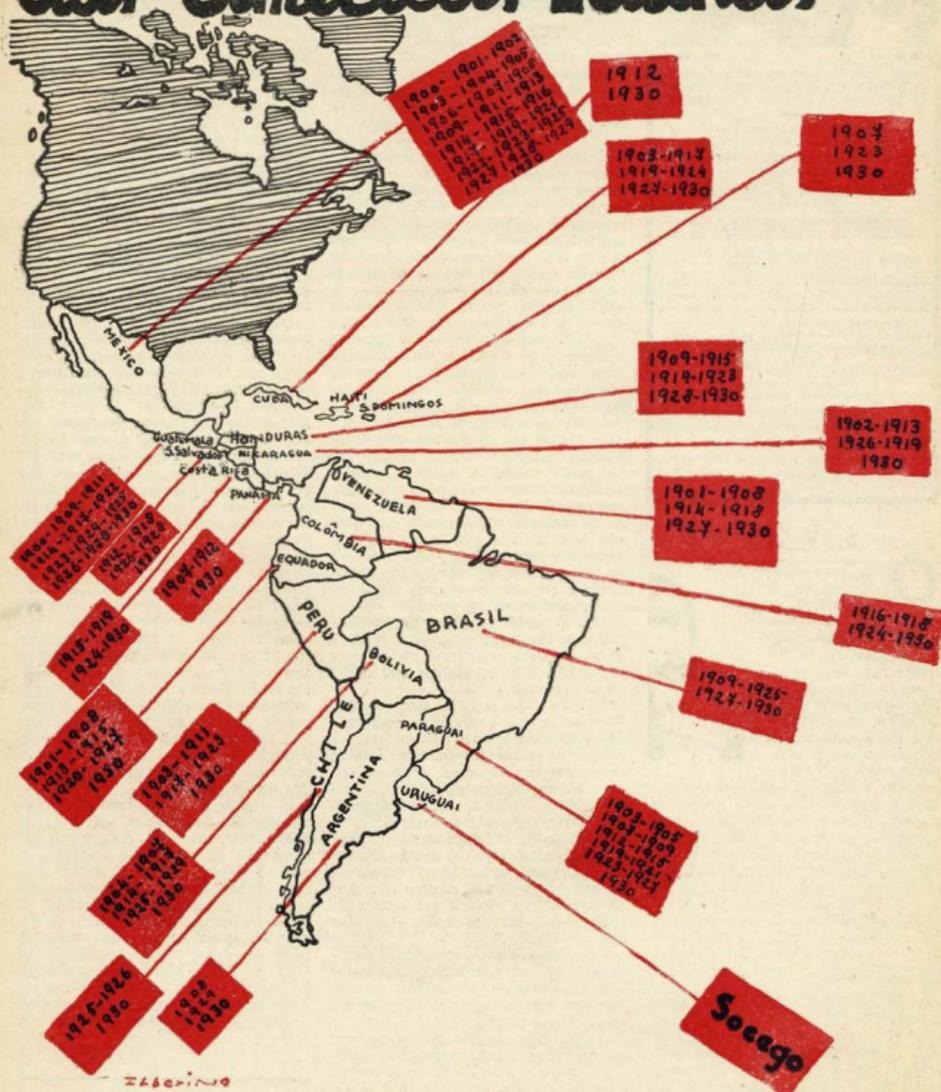
Fornece-se todos os esclarecimentos por correspondencia, a quem os pedir

TELEFONE 123

R. do Corpo da Guarda, 15

PORTO

Estadística revolucionária dos Omericos Latinos



Os anos em que se produziram movimentos revolucionários nos vários países da América Latina - (Gráfico inédito)

Uma traição às leis de Deus

O caso contaram-no os jornais em meia coluna e reconto-o eu em meia dúzia de linhas.

Em Lourêdo da Serra, concelho de Parêdes, havia um passal e no passal uma velha casa que estava alugada a um casal de *joventes* — êle 78 anos, ella 92 e entevada. A juventude dos «quatro moios» tem às vezes dêstes precalços.

Voltou o passal à corporação católica. E esta, chefiada pelo padre, pôs os velhos na rua sem dô nem piedade.

Chama-se o padre: Baptista da Silva. Vejam os senhores a ironia dos nomes. Puseram-lhe Baptista porque já o sabiam feroz como aquêllo outro que ficou com a cabeça no prato da dançarina Augusta. Mas deram-lhe logo o apelido Silva, para que todos se afastassem, ao passar por ele, não fôsse ficarem com as carnes sagradas nos picos do sotaina.

Este caso de Parêdes vale uma crônica e merece que o comentemos a sério.

Eu sou cristão e sou católico. Cristão o melhor que posso; católico o pior que é toleravel sêr-se. Mas vejo, mas observo, mas faço os meus comentários ao que observo.

Este Padre de Lourêdo da Serra, que eu não conheço, se cometeu o crime repugnante de pôr os dois velhotes na rua, tal qual como os jornais o contam, não é um padre, é um javardo.

Eu admiro os padres. O padre é, na sociedade moderna, um sacrificado, tendo ainda por cima que ser um guia, um condutor de almas, um mensageiro de Deus.

O padre de Lourêdo foi, pela sua acção miseravel e repelente, um egoista, um servidor de Satanaz, um escolhido do Inferno.

Vejamos isto.

Há uma casa, pobre, humilde, de que o Estado, numa hora de vesania má, illegalmente se apoderou. Para esta casa vão morar dois velhos, dois pobres de Cristo, dois estropiados da vida, que têm já, como visão próxima e certa, a boca escancarada numa cova humilde no pequeno e pobre cemitério da sua aldeia. Aguardam ali, serenamente, resignadamente, a morte redentora, a morte pacificadora e benedita, que os há-de livrar da fome, da miséria, das agruras.

Vem o Estado e diz aos católicos: — «tomai lá o que é vosso e que indevidamente estava na minha posse.»

Em Lourêdo da Serra, no concelho de Parêdes, um padre escorraça do passal dois velhos que ficam uma noite ao relento, sem casa nem abrigo

E vai o padre, que deve ser o sol da terra e a luz do mundo, e diz aos velhinhos: Rua!

Rua, porquê?!

«O meu reino não é dêste mundo», dizia o doce Nazareno, o Mártir Augusto do Calvário.

E o padre de Lourêdo da Serra, detentor dessa doutrina sublime, mensageiro da Paz e do Perdão, êsse que tem nas suas mãos a virtude sagrada de transformar a hóstia em Corpo de Cristo, diz aos dois pobrezinhos:

sando em Cristo e vendo no padre a figura do Diabo com chavêlhos e tudo! Não. Isto não é cristão nem católico. Isto merece castigo e castigo severo.

Dizem também os jornais que o caso foi entregue ao sr. Bispo do Porto.

Eu conheci o actual Bispo do Porto e convivi com êle, quando em S. Bento os azeres da politica o levaram lá como deputado e ao Silva Gonçalves como senador.

E fui até profeta. Um dia, em cavaqueira amena, lembro-me de lhe ter dito: «Você, Castro Meireles, ainda há-de ser Bispo».

E foi. Ora Castro Meireles é um homem de bem. Um sacerdote exemplar. Há-de ser fatalmente um bom pastor: quere dizer um bom Bispo.

Pois bem. Castro Meireles tem obrigação de dar ao padre de Lourêdo um castigo exemplar. Um dêstes castigos que ficam como exemplo na vida dos povos.

Eu cá suspensia-o immediatamente das ordens de missa e obrigava-o a ter em sua casa, de cama e mesa, durante cinco



—Rua, que o meu reino é cá neste mundo e quem manda aqui sou eu!

E o velhote e mais a velhota, esta entevadinha e doente — noventa e dois anos de trabalhos, de canseiras e de fomes, ao Deus-dará da sorte, escrava da vida e da miséria — ficam no ôlho da rua, ao frio e ao relento, quem sabe se pen-

anos, os dois velhos que êle escorraçou.

Eu, Bispo, fazia-lhe isto.

Eu Bispo. Porque eu, cidadão livre e habitante de Lourêdo, se o pudesse fazer, castigava-o de doutro modo.

PAULO FREIRE
(Prel Gil d'Alcoaba)

Artistas portugueses em Paris

Na "Paramount"—Os vícios lisboetas transportados para França—Uma artista que recita os papéis alheios—Todos génios!—O que nos disse Alves da Costa, um dos principais interpretes do filme falado "Canção do berço"

SERIA injusto quem nos accusasse de fobia pelos artistas de teatro e muito mais supondo-nos alijados pela pedantaria retrógrada que obriga os nossos púdicos avós a considerarem os «cômicos» como gente desrespeitadora de Deus e da moral. Basta o facto de pertencermos a uma profissão entrelaçada na mesma boémia intelectual e liberal para que estivessemos numa constante tolerância fraterna ante a população dos palcos. Contudo a nossa recta implacavelmente geométrica, de observação e de critica, que não devia nem se dilata mesmo ao defrontar-se com

hungaro. E, conseqüentemente, precisaram de artistas que sensibilizassem, no nosso idioma, os diálogos desses «films». Abriu a série a «Paramount» encarregando o seu «metteur-en-scène» chefe da secção ibérica—o sr. Cavalcanti—de arrebancar o elenco. O sr. Cavalcanti, brasileiro, é, de todos os neófitos da realização cinematográfica da «Paramount» europeia, o mais competente. Destacou-se na filmagem do «Capitão Fracasse»—embora o «exagero das despesas (4.000.000 de francos) tivesse estroado a casa editora (histórico). Mal constou que ele desembarcara em Lisboa foi um verdadeiro assalto ao recém-chegado.

Era uma verdadeira luta da inveja, que tomou tais proporções que levou Cavalcanti ao seguinte comentário: «Se fôsse a dar ouvidos ao que me disseram ou não contratava nenhum ou contratava todos, porque, falando deles, todos são génios e falando dos outros são todos «canstrões»».

O «studio» da «Paramount» em Paris é algo de imponente. A constelação dos seus inúmeros «sun-lights», arcos voltaicos, jupiteres, tubos de mercúrio, a vastidão do atelier, a grandeza de tudo quanto os cercava, embriagou os nossos artistas. Depois—os ordenados. Foram ganhar uma média de mil francos por dia. Mil francos por dia! Calculem os senhores o efeito que produziria nas vaidades daquelas excepções este ordenado!

Transportaram para o studio imenso da «Paramount» os mesmos defeitos de má lingua, de inveja, de ciúmes, de intrigas, de vaidade que usavam nos mesquinhos bastidores de Lisboa...

Cavalcanti acabou por proibir que se mostrassem as «fotos» das cenas—tais as tempestades de criticas azedas as que excepções levantaram frente a cada «foto»—criticando e censurando os outros. Havia, no mesmo studio, grupos de todos os países. O

nosso destacou-se de todos e oferecia um espectáculo «extra» aos colegas estrangeiros—graças a este seu *l'isoingiero* aspecto. Mas há mais; na correspondência que essas excepções mandavam para Portugal, segundo elles, raro era o dia que os «outros» não sofriam vexames e reprimendas do «metteur», tão desastradamente trabalhavam; em compensação elles, as excepções—eram os próprios que o diziam—contavam os triunfos pelas vezes que representavam... E houve jornais que acreditaram nessas intrigas postais e que se guiaram por elas...

O Reporter X gosta de ser claro e franco e quando critica e quando acusa não usa de rodeios. Todas estas informações recebeu-as do nosso velho amigo, dos tempos em que o nosso director frequentou com Rui Teixeira Bastos o «studio» de Pathé em Vincennes, o experimentado cinematografista francês George Bertrand, que hoje ocupa um lugar de destaque no Estado Maior da «Paramount» continental, o qual alargou a sua correspondência quando os artistas portugueses chegaram a Paris. Na última carta que recebemos dele contava-nos a seguinte e verdadeira aneddotica: Uma artista a quem fora entregue uma scena com três ou quatro personagens—um jornalista, uma dama e uma criada—para elle decorar só o seu papel, o papel de criada—cometeu esta gaffe tremenda: decorou os três papéis. Ao apanhar-se sobre o plateau não deixou que os colegas falassem... Ante o espanto e por fim as gargalhadas de Cavalcanti, recitou, sem uma pausa... os tres papéis a fio—o de jornalista, o de dama e o seu! Ria Cavalcanti; ria o operador que deixou de manivelar a máquina; riam-se todas as testemunhas,

(Conclui na pag. 15)



Alves da Costa

os nossos irmãos de jornalismo—trespassa-os sempre que elles oferecem matéria sensível ao comentário. Ora é um velho lugar comum o fraco da vaidade e da ciúmeira entre os nossos artistas. Com estranhas raridades—quasi todos elles padecem dessa entoxicação, germen de todos os outros males que os apouquentam. Da auto-sugestão caricatural do seu talento e do enjôo que lhes provoca o reflexo dessa mesma suggestão nos camaradas é que nasce o mal-estar crónico da familia teatral, as intrigas, as calúnias, episódios pitorescos, os duelos imaginativos, as farças de bastidores e camarins—e, em parte, a crise, pois do auto-equívoco dos valores e da picuinha é que vêm os vícios ordenados inverosímeis que asfixiam as empresas.

O cinema falado ofereceu o pretexto de se abrir a janela financeira no lar onde muitos dos artistas, em consequência da citada crise, sofriam de dispnea. As grandes companhias estrangeiras de produção de «films» viram-se na necessidade de fabricarem «films» em português, não por causa de Portugal mas sim pelo engodo do Brasil—assim como os fazem em românico, em bulgaro e em



Da esquerda para a direita: António Sacramento, Corina Freire, uma figurante francesa e Alves da Costa

Como se faz escravatura branca em Portugal

Falando com uma vítima — Tem-se notícia de um agente exportador — Na pista do armazem da carne virgem — “Seguem dois pacotes pelo comboio correio”

D. Carlota veio acompanhar o jornalista até ao lóbroge patamar da escada. E ali no escuro, untuosa, de uma amabilidade repugnante, decidiu as últimas cláusulas do contrato. Que contasse o visitante com a aquiescência daquelas duas. A Ivonne iria com certeza; a outra, a Maria Alice, mais apegada a Lisboa por amor das filhas, bem conversada acabaria por convencer-se. Deixasse isso a seu cargo, já vencerá obstáculos mais difíceis... E a comissazinha... Solto uma risada afável, adúladora.

O representante do nosso jornal afectou um ar grave de pessoa muito habituada a negócios daquele género. Estava bem, aquelas duas serviam, mas precisava mais, muito mais raparigas e em melhor estado. O *cabaret* do Lobito era uma coisa grandiosa. Seriam necessárias quinze mulheres pelo menos. Quinze!

A megera escutou, maravilhada ante tanta grandeza e, ólio atrás, ólio adiante, não os escutassem, murmurou-lhe ao ouvido:

— Para arranjar mais mulheres, vá você ter com a Deolinda, aqui à rua da Atalaia... Não conhece a Deolinda?

O jornalista não quis mostrar-se leigo no assunto e exclamou:

— Ah, Deolinda! Bem sei, a Deolinda, da rua da Atalaia!

E abalou escada abaixo, com pressa de respirar ar livre, que aquêle principiava a envenená-lo.

O REDACTOR DO «DETECTIVE», DE PARIS, COMEÇA A TER RAZÃO

Na rua da Atalaia não é tão fácil, como se julga, encontrar uma Deolinda proxeneta. Deolindas há muitas, proxenetisas não há menos, e o nosso redactor viu-se em sérios embaraços para encontrar as duas coisas juntas. E como não conseguisse reñi-las na mesma pessoa decidiu conversar com um velho conhecimento, e não perdeu o tempo. Essa pessoa é uma mulher, uma vítima das proxenetisas e dos *caftans*.

Através das palavras dessa mulher se verifica que Paul Binguier, o scintilante e arguto redactor do *Detective*, de Paris, não andou longe da verdade quando afirmou que existia em Portugal uma poderosa organização de *mangeurs de blanc*, de repelentes comerciantes de carne branca.

— Eu sei — disse ela, com voz baixa e olhar atemorizado — que em Lisboa existe uma casa para onde vão as raparigas que do norte do país são recrutadas com o engódo de virem ser creadas de servir.

— E quem as recruta? — inquiriu o nosso redactor, ávido de revelações.

— E' um homem, um sujeito ao que parece de grande aparência, que vive no Porto, e percorre os arredores, Aveiro, Espinho, Ovar, etc. As raparigas são esperadas à chegada a Lisboa por uma mulher que as conduz para a tal casa, convencendo-as de que ali aguardarão oportunidade para se colocarem como creadas em lares sérios.

A informadora, que foi uma mulher bonita, de cuja beleza ainda conserva nitidos traços, calou-se um momento, emocionada.



O nosso redactor ouvindo a misteriosa informadora

— Depois?... — perguntou ansioso o jornalista.

— Depois — murmurou ela, em maguada voz — pelos processos mais infames, ou pela persuasão pèrvida ou mesmo pela violência, são empurradas para o enxuro das mulheres perdidas. E' um crime!

A sollicita informadora estava indignada. Pressentia-se que ela tambem fóra empurrada para esse enxuro de onde não mais se erguera, antes mergulhara cada vez mais fundo, enchendo-se de lama das doenzas que corroem o corpo e enxarcando-se do pítrido ambiente que corrompe a alma.

Mas nem tudo estava perdido no espirito dessa mulher para quem a revolta perante o mal era como que uma redenção.

Enxugou uma lágrima teimosa, fungou ridícula e comovedoramente, e prosseguiu.

— São quasi sempre — informou ela em voz quasi desalentada — lançadas, pouco a pouco, nesta vida imunda. Uma caem pela ambição, atraídas pela miragem do dinheiro, do luxo, que as vence, que as domina e perde; outras, são iludidas pelo suposto amor de um homem, que desempenha hábilmente o papel de apaixonado e lhe fala em casamento.

— E onde fica essa casa? — perguntou o jornalista, que até ali refreara a sua curiosidade, a legitima curiosidade de que tu estás possuído, leitor. — Sim, onde fica essa casa?!

— Venha ter comigo na próxima quinta-feira — disse ela. — Acompanhá-lo-ei mais uma amiga a essa casa para o senhor apreciar e ver com os seus próprios olhos.

— E não haverá obstáculos à minha entrada?

— Na nossa companhia, não. Saberá até o nome do cavalheiro do Pórtio, do tal que recruta as pobres ingénuas.

A perspectiva das próximas revelações emocionava já o jornalista. Efectivamente, Paul Binguier tinha razão. Os negociantes de carne branca estão organizados em Portugal. É uma organização perfeita, que tem raízes e medra à vontade. *Reporter X* estava quasi na posse do fio que conduzirá ao miolo da meada. Um agente de recrutamento, uma casa para estágio de neófitas negociadas, onde se exerce odiosa escravatura, pequenas distribuidoras dessa pobre carne macerada, caixeiros de praça como D. Carlota, a Aninhas, de Santarem, a Deolinda... Até onde se estenderão as malhas dessa rede sinistra que tantas raparigas tem perdido para sempre?

— Mas tenha muito cuidado — avisava a informadora. — O senhor não calcula os interesses que andam ligados a esse negócio... Aquilo é uma verdadeira sociedade secreta. Exportam mulheres como quem exporta mercadorias. Ainda há pouco tempo li eu um telegrama vindo do norte, que dizia textualmente o seguinte:

Não pode seguir mercadoria pedida. Vão dois pacotes correio da noite.

«Os dois pacotes eram duas desgraçadas.»

E ante a tristeza daquela beleza fanada, o redactor do *Reporter X* adivinhou comovidamente que ela tambem fóra um pacote expedido, uma mercadoria negociada.

REPORTER MARIO

Oráculo da Morte

Do infranqueável mistério da morte nasceram religiões, dogmas, magias... A sua volta sábios, papalvos, crentes, ateus, heróis, covardes, loucos, místicos, depravados, sacrificando as vidas, inquisitoriando os corpos, queimando as almas, negando ou afirmando, rindo ou chorando, chorando ou duvidando; teólogos, bruxos,

sem motivo, as joias que enegrecem, sempre que o glu-glu do estertor sobe à garganta do agonizante... É o reflexo sensível do mistério da morte; a morte que, antes de colher a alma, dança fardandas macabras nas coisas e nos corpos que cercam o agonizante...

O «Arauto da Morte» é uma nova «coincidência fílmica» da Morte. Creio não; creio nessa estranha figura de homem, de físico e de vida anormais, dum anormalidade que conflagra, que roça lixas pelo nosso dorso... Uma série de coincidências prova que «Ele» só aparece junto dos indivíduos (e alguns foram dos mais ilustres que Portugal perdeu nos últimos anos) para os bafejar com o seu hálito fatal, que é o hálito da própria morte — sua Senhora e Dona...

A primeira vez que o «vi», em corpo inteiro e em papel «couché», foi quando me empapára na rubra atmosfera de 1908 para escrever a novela-reportagem «Lo Secreto de los Reyes de Portugal» que me fôra solicitada por «Los Contemporáneos» de Madrid. Mandara vir as coleções da «Ilustração Portuguesa» e assistira ao desfile das «fotos» que o kodak do mestre-reporter Benoliel fixara, gráficamente, toda essa época. E entre essas

que o haviam retocado ridiculamente na chapa fotográfica...

Foi essa a primeira vez que vi o «Arauto da Morte»; e por muito intensa que fosse a sensação me levira a destacá-lo — não viria ele tór comigo, tantos anos depois, se não tivesse em surgir sempre... a «dois passos da morte».



Machado Santos



Marechal Gomes da Costa

magos, iniciados, teósofos, astrónomos, poetas, históricos, multiplicando as lutas, estalando a sensibilidade, ardo no próprio clarão do fanatismo; Edisón dilatando a T. S. F. até aléu-tímulo, Jacques Milton, Tristan Beraud, Sylvestre Allain — todos, todos sem excepção, se enlaçam e rodopiam na mesma obsessão e se desesperam na mesma ignorância. O mistério



Columhano



Guerra Junqueiro

da morte marca o fim da vida e é também o fim do poder intelectual dos homens.

Mas existem factos que se repetem ritmicamente, em redor do leito dos moribundos, coincidências ao alcance dos nossos sentidos, que Maerflinck, na «Intrusa»; Flamarion, em «Au tour



Regis d'Oliveira



Dr. Antonio Martins

de la Mort»; Horace de Belleville, nas «Memoires de au delà»; Lord Worfolk (o pai do actual), em «The Black Stories» observaram, registaram e que todos nós, nessa hora horrível do espectáculo da morte alheia, podemos comprovar. As águas que se movem, as portas que se fecham com estrépito, as paredes que se fendem, os quadros que caem, os relógios paratlicos que voltam a palpitar; os que latejaram sempre e que param



«fotos» que o Benoliel, nervoso, rápido, metralhador, metedido, tiquetaqueante, trepador a árvores e a janelas, surpreendera com toda a flagrança gran-guignolesca da tragédia do Terreiro do Paço — numa me debruçei com certa angustiosa curiosidade. Aquele em que a família real — o rei, a rainha, os filhos, marginados pelas sobrecasacas e pelas fardas palacianas e governamentais — atravessava a ponte da estação, após o desembarque em Lisboa. A legenda diz: «A dois passos da morte...» Entre tantas cenas, sorridentes umas, proféticas outras, assustadas algumas, que a objectiva recolheu e marcou para sempre — uma se destaca... Está entre João Franco e um polícia que se perfla. Demorei-me a examiná-la pelo exagero da ossura craneana, quasi descarnada, pelo negro das órbitas onde os olhos se perdem, pela distinção romântica do traço, por mil raridades que o aureolavam até ao extremo de me fazerem supor



Dr. Manuel de Arriaga



Dr. Sidónio Pais

Se nos fosse permitido ou se nos interessasse fazer uma escala profética das idades em que, segundo os nossos cálculos, devem regressar à Essência ou seja «morte» as pessoas do nosso maior carinho ou do nosso mais singelo conhecimento — quantas gaffes não cometeríamos! O caso do Dr. António Martins, o «az» português do tiro, o médico que domesticara tanto as mãos que no «sport-



Lucinda Simões



Angela Pinto

ou na cirurgia, acertava sempre, é dos mais sintomáticos... Se me perguntassem quantos anos lhe ficavam ainda em conta aberta com a vida — eu, recordando o seu ar plebeu mas sadio, o seu torax admirável, a sua musculatura, os cuidados higiénicos de que se cercava; a serenidade de «sportman» em que quadrícula a existência, responderia sem hesitar que ele estava em «zaid-seguro para alcançar o pólo raro de um século. E



André Bran



José Ricardo

equivocar-me-la... Ele, tão sereno, tão prudente, despois dos seus próprios nervos escarvizados, tão conhecedor dos segredos de uma arma de fogo — deixa que uma espingarda, absolutamente adestrada e húmide entre os seus dedos vitoriosos, conceba e execute, à traição, o seu assassinio.

Trés dias antes da catástrofe vi-o a certa

(Conclui na pag. 15)

A CURA DO INCURAVEL

A lepra através dos tempos — A ciência hermética dos egípcios — A verdade não convem aos médicos — Pasteur, Câmara Pestana e o «criminoso» Urbino de Freitas

HÁ na Bíblia ensinamentos que, resistindo através das eras, têm perfeita aplicação na nossa época. São verdades quasi eternas que o fruto da experiência de muitas e muitas gerações acumulou no sagrado livro.

A leitura da Bíblia é, pelo seu estilo monótono e quasi incompreensível para a nossa sensibilidade século XX, que vibra ao sabor de fluidos tenuíssimos e rápidos, como a T. S. F., é, repetimos, aventura em que pouca gente se mete presentemente. Mas, quem tiver um nadinha de paciência e se



Os gafados assaltavam cinco vítimas

abalanzar a tal empreendimento, concluirá, pela certa, que nela encontra mais prazer do que nos livros de Dekobra, que dissolvem, ou na cartilha de João Félix Pereira, que tenta moralizar pela criança.

Leia-se o que o Velho-Testamento diz da lepra — essa doença horrível para a qual não se encontra cura — e verificar-se-á que os versículos que se lhe consagram, além de divertidos, são salutares.

AS ENFERMIDADES BÍBLICAS

«Chamou o Senhor a Moisés e lhe falou desde o Tabernáculo do Testemunho dizendo...»

Tudo o que o Senhor disse a Moisés forma a Lei Mosaica, que não é interessante particularmente se não fosse a revelação de duas enfermidades que flagelavam os filhos de Israel: A lepra e a blenorragia.

Tal devia ser o número de vítimas nos tempos bíblicos em que o «Senhor» falou a Moisés destas enfermidades e estabeleceu um sistema, senão inteiramente profilático, pelo menos bastante coercivo ao seu desenvolvimento e contágio.

«O homem em cuja cutis e carne nascêr côr diversa ou pústula, ou alguma coisa como luzente, isto é: chaga de lepra, será levado ao sacerdote Aarão ou a qualquer dos seus filhos.»

Para a lepra aconselha:

O enfermo será observado pelo sacerdote, que manda isolá-lo em tenda ou casa durante sete dias. Observado novamente e «se nêle aparecer a carne viva, então será imundo por declaração do sacerdote e será reputado entre os imundos. Porque a carne viva se está salpicada de lépra e imunda.» Sete dias de estágio e no caso da lépra persistir: «Terá os seus vestidos descosidos, a cabeça descoberta, o rôsto coberto com o seu vestido e clamará que éle está imundo e sujo. Por todo o tempo que estiver leproso e imundo habitará fóra do campo...»

E no dia sétimo tornando-o a vêr de novo se achar que as manchas cresceram, é lépra perseverante. Declarará imundo o vestido e **tudo em que éle se achar.** E por isso queimar-se-á nas chamas...»

Mais adiante chega a mandar raspar as pedras do seu reboço e purificar tudo pelas chamas. Há um grande ritual litúrgico de sacrificio obrigado a azeite, farinha, cordeiros, pombos, rôtas, águas vivas e fogo, que o leitor curioso pode respigar no «Levitico», cap. XIV e XV.

ORIGEM DA LÉPRA

Dizem os médicos ser a lepra uma enfermidade de péte de origem microbiana cujo ácaro, semelhante ao da sarna, tem uma vitalidade assustadora e contra o qual pouco ou nada há a tentar. Certo é que homens de ciência de hoje buscam afanosos o contágio mas ainda não chegaram a resultados definitivos. E chegarão a isso algum dia? Mais adiante mostrei a *não conveniência* da benemerita descoberta.

Saindo os hebreus do Egipto deixaram lá ficar, entretanto, os vestígios da sua permanência; vestígios imundos — a lepra.

As primeiras gafarias foram então estabelecidas mas já não era o sacerdote que curava pelo fogo e pelo sangue dos sacrificios.

Nasce a ciência hermética e começam os estudos intuitivos sobre o flagelo.

Quantos anos levaram os herméticos para matar a lepra?

Creio que muito rapidamente chegaram a resultados positivos; o que é certo é que a gafa *desapareceu* totalmente do Egipto e concluo que a *verdade da ciência médico-positiva* está no *ocultismo hermético*.

Alasvero como símbolo é enorme. A toda a parte onde chega, chega a desgraça; onde éle aparece, aparece o Mal.

A EXPULSÃO DOS JUDEUS COMO MEDIDA PROFILÁTICA

É que o Judeu Errante leva consigo o germen da gafa pois que éle é uma doença profundamente hebraica que, mau grado o fogo e o sangue dos sacrificios mosalcos, acompania e estigmatiza o judeu.

A expulsão dos judeus encarada como fenómeno político e económico é pouco. Ela foi, sobretudo, necessária como medida sanitária. Onde havia núcleos de judeus, logo tinha que se reservar sítio ermo e inacessível, para estabelecer uma gafaria.

As leis eram severas. O leproso que saísse da gafaria podia ser abatido como uma léra.

Então os leprosos usavam de engenhos maciços que escondessem as suas úlceras; disfarça-

vam-nas, maquiavam-se (como hoje se diz) e, como saltadores de estrada, lançavam-se sobre quem lhes passasse perto, de preferência às mulheres, a quem violavam, não tanto por ânsia sexual mas principalmente, com o espirito mau de contaminar a sua doença incurável.

Talvez por ser o número 5 um número cabalístico eles pretendiam e buscavam cinco vítimas a quem, depois, golpeavam o seio e pelos lábios abertos e sangrentos das feridas, esgrevavam as suas pústulas e chagas da gafeira.



Um tubo alemão e perigoso entre os nacionais infestados...

Fenómenos destes repetem-se tão amiludadas vezes que houve que isolar completamente as gafarias em lugares de difícil acesso e, além disso, guardá-las por homens que não hesitassem ante a execução dos que pretendessem fugir.

AS GAFARIAS E OS HOSPITAIS DE LEPROSOS EM PORTUGAL

Em Portugal houve diferentes gafarias; cerca de Sintra e de Obidos; no Alentejo; em Trás-os-Montes; e mesmo em Lisboa a fundação dos hospitais de S. Lázaro e de Arrolos (então arrabalres) deve-se a necessidade de isolar leprosos. Estes hospitais eram *gafarias* de caridade.

D. Leonor, a esposa de D. João II, o segundo e último rei de Portugal, (o primeiro foi, para mim, D. Dennis) lançando a assistência municipal com a fundação das Misericórdias e dos Hospitais foi humanamente bem-tazeja, mas D. Izabel, mulher de Manuel I, patrocinando e aconselhando a expulsão dos judeus, foi patrióticamente benemerita.

De resto a queima dos judeus nas fogueiras do Rossio não foi mais do que o remédio contra a lepra aconselhado pelo «Senhor» a Moisés: a purificação pelo sangue e pelo fogo.

Os casos de assaltos de gafados a são ainda hoje sucedem na América do Sul onde, nas fronteiras do Uruguay e do paratibolmente benemerita, há gafarias reconhecidas e muitos leprosos são abatidos como animais são perigosos nas batidas periódicas que se fazem aos matos que isolam estas gafarias.

(Continua no próximo numero)

A CABA de falecer o Ilustrissimo e Excelentissimo Senhor, por pouco Dom, José Antonio Alvarez Pereira, de Almeida de Oliveira Sagres, Marquês de Sagres, *vulgo Zizi!* — exclamou, de um único e prodigioso fôlego, um nosso informador ao entrar, alucinado, na redacção.

«E por todos os ródios, até ligeiro movimento alegre e sorridente, espalhou-se uma súbita névoa de mágoa profunda. Aquella notícia recebida, assim, de chôfre, ante-ontem, pelas 14 e meia horas, acanhava-nos, vença-nos, esmagava-nos.

José de Oliveira Sagres (não confundir com José de Oliveira e Silva) foi o primeiro que padecia de duas doenças impiedosas: bilis e hemorroidal. Ante-ontem, de manhã, acordara mal disposto com um ataque da segunda enfermidade e, ao almoço, a sua vista pouco casualmente no título de um semanário — era o *Reporter X* — e um ataque de bilis, imprevisto, fatal, derrubou-o para sempre.

Recolheu já inerte ao leito fêdo e os esforços da sciência foram impotentes para salvá-lo.

Recolheu já inerte ao leito fêdo e os esforços da sciência foram impotentes para salvá-lo.

ALGUMAS SCENAS COMOVENTES

Logo que fui conhecido em Lisboa, por meio dos *placards* dos jornais, a triste novidade, que breve se espalhou pela provincia, acorream a residência daquella titular inúmeras pessoas de grande importância na finança, na industria, no commercio, e na chamada boa sociedade. Uma nouda curiosa: não se viu uma única mulher pranteando o Marquês na câmara ardente. Era tudo homens.

Um dia, que estivera ao seu serviço, exclamava, chorando como uma cardeira: — Ah, meu rico patriolinho, que não tornava a pagar-me a minha mobília!

Todos os que assistiam, sustinham as lágrimas a custo e pelo canto murmurava-se ácerca do fôlego: — Era um homem tão muito esmoer...

Poucos se recordavam da vivua, que ficava sem marido, todos, porém, se lembrava de alguns *chamarras* e moções de letaria que perdiam o amigão.

Comecaram a chegar flores, corôas, palmas, etiquetadas com cartões de visita de vários cavallentes e alguns com dedicatórias eloquentes: «Ao meu Zizi», «Eterna saudade do Lulu», «Amor até ao ponto da morte», «Encontrar-nos-emos na herdidade», etc., etc.

Durante a noite, até á hora do funeral, que foi pomposo, velaram muitos honrosos, teimamos no crebro, até que em todas o illustre extinto contava amigos, e alguns representantes de colectividades beneméritas e commerciaes a que pertenciam, pertenciam ao Rótulos Club, do Estoril, Escrocs, Lt., com filias

em todo o mundo, Shat the Round & Co., e Londistimo de cujo consócio a administração fazia parte, e muitas outras.

ALGUMAS NOTAS BIOGRÁFICAS

Não interessa a data do nascimento, nem o primeiro período de mama do José de Oliveira — interessam mais os últimos períodos de mama á barba longa, mama em bons negócios, mama em várias coisas em que o grande extinto era exímio. Detemo-nos, pois, o período de afeitamento da época em que elle ainda não tinha letaria, e occupemo-nos dos tempos em que elle cursava no liceu de Aveiro. E aí que o seu carácter dúbio, lementer, sensuoso — todavia interessante pelo pitoresco — começa a afirmar-se. Elle cursava, mas como já naquella idade era um menino esperto não estudava. Occupava o seu tempo com lutilidades,



Foi o que se chama um lindo estoril.

ninharias feminis, e era de uma grande e doce terauza — uma ternura cariciosa, miúda, pegante — para os seus discípulos. Tinha-lhes um amor profano, absorvente. Se adregava, porém, topando algum que não lhe enchesse as medidas do sentimentalismo piégas, se algum lidia ou atraçava a afeitão que em segredo jurara dedicar-lhe por toda a vida, Zé de Oliveira odiava — com um ódio profundo, impraticável, o ódio que lhe originou mais tarde a terrível doença que o vitimou. Era assim o pequenote.

Mais tarde, como não tinham outro local para onde mandá-lo, arremessaram-no para Coimbra. E, então, mais crescendo, já um homenzimmo sem barba, começa a sentir cochichos em vários sítios do corpo.

Temia-se que fosse alguma doença ignorada. A cochichão accentuou-se-lhe, porém, teimamos no crebro, até que o Zé de Oliveira, batendo na testa e exclamando «Eureka!», descobriu que pensava. E para o seu complicado temperamento, pensou o o sítimão de Alameda Parafraesando Stirner, que vaga-

FANT O FUNERAL D

A infusta noticia — Um espólio que vale

mente conhecida de ouvido, José de Oliveira murmurou para consigo: «Penso, portanto ambicioso». Criou-se-lhe, pois, no arazo a má de grandeza. Conhecendo-lhe esse fracço, entre os muitos fraccos por que já era notado, os condiscipulos de Coimbra deram em chamar-lhe, desde a infância, o Zé de Coimbra. Isto, todavia, não contenta, tão rápido como o touro ao trapo vermelho. Avo-sugestivo-nos-se: sim, elle era corde. Porque não havia a ser corde? E foi corde, e não alcunha, para os outros e conde, por convicção, para elle próprio. Até que um dia, tendo enviado os paraxens ao rei D. Manuel, quando este fez anos, do Paço lhe responderam, por lapso, por engano, por negligencia, tratando-o por «Conde de Sagres». E elle, que andava hesitante na escolha entre o título de Conde de Sagres e Marquês de Avis, optou pelo primeiro, provisoriamente, como adiante se verá.

UMA ASCENÇÃO VERTIGINOSA

José de Oliveira abandonou Coimbra. Aquelle tempo, de estudo para o que sabem e querem estudar, e de boémia já demodê, á antiga portuges, sem o requinte das grandes capitais, era acanhado demais para o seu espirito superior e inaccessible ás massas ignaras. José de Oliveira queria ter um meio maior, mais largo, onde coubessem todas as suas ambições, por muito avantajadas que fossem. Coimbra tambem já não o suportava. Os seus escândalos excediam todos as grandes immoralidades então praticadas, e a sua presença na cidade universitária era impossível.

Lisboa, com a sua arrojada e largo campo para a ventura, ajeitou-se-lhe como uma lava. AQUI encontrava de tudo — desde os papavos para ntrujar aos bandidos que, por excessas esportivas, excessavam-se em tanto crebrochisado, e isto não era para elle a cidade das sete colinas, eram as suas sete pinhas. Seria longo e fastidioso contar tudo tim-tim por tim-tim; os felicos do Zizi são inenarráveis. Roma, outra capital de sete colinas, onde elle se encontrava tambem nas suas sete pinhas, deu-lhe a felicidade máxima, apresentando-o com o título de Marquês de Sagres. E ficou definitivamente Marquês.

Tornou a Lisboa, celebrizando-se rapidamente no mundo dos negócios. Desde

ASIA OU REALIDADE?

O MARQUÊS DE SAGRES

ataque de bilis fatal — A rápida visão de uma existência — Um quanto pesa — Um legado precioso — Ponto final

os pinheiros de palmo e meio que tendia impingir aos ingleses como tendo sete metros de altura, ás cortiças, ao Conventinho, passando por um processo de arresto — onde o quezoso afirma ter em contrato pratas que faltaram á oriveiraria da Guia, e ao célebre incêndio de Bemica, que ficou até hoje envolto em uma lamurada cossa, não houve negociata onde, pelo menos, um dêdo da lava elegante do Marquês não apparecesse. E se não apparecia o dêdo, encontrava-se a dedada.

O ESPOLIO DO HOMEM ILUSTRE

A morte surpreendeu-o, senão em prôperas condições financeiras, pelo menos em plena actividade. Arrumada, com muita honrabilidade, a questão das notas tipo «Vasco da Gama», elle preparava-se para outras aventuras. Apareceu, porém, um jornal a contrariá-lo, a elle que se vangloriava de ter a imprensa no mão. Foi uma massada. A bilis atornava-o e, abalada a saúde, depressa a morte; que, arrasa em um momento as maiores glórias e os mais lindos castelos de fantasia — o derrubou sem d'om piedade, com a mesma indifferença com que abate os pilares de um templo.

No seu espólio pouca cousa se encontrou: 1.200 contos de aceites, entre os quaes figuram 120 que o Padre Neto não tomara a vir, algumas cauteias de penhoeres, a carta que do Paço lhe escreveram tratando-o por conde, muitos retratos de homens, e umas barbas e bigodes postigos de um dos seus acólitos, e crever a sua certa noite quando, á sua ordem, tentasse agredir á traição o autor destas linhas.

Reata ao acólito, despeitado por não receber a esportala ambicionada, e aos barbas postigos de molbo, e a es dosapós em vários negócios e letras de favor, contemplar um espólio que a firma J. B., de Lisboa, está dando, lançando má das mobílias da casa da Avenida da Liberdade.

OS COMTEMPLADOS NO TESTAMENTO

O testamento é curioso. Por falta de espaço, dête apenas podmos dar uma pallida imagem, desprezando pormenores sem interesse e focando o que megrhor attenção mereça.

A certa companhia inglesa que pagou indevidamente a indemnização pelo incêndio de Bemica, cujas origens nunca percebeu, deixa elle a quantia de quarenta mil escudos — em letras cobraves ao *guchet* do Paraiso, se a Providencia dête se compadecer permitindo-lhe a en-



A hora da campo fletiram-se dixeram enclaudras

trada na mansão celeste; ao padre Neto deixa 120 contos de letras de favor que nunca chegou a pagar; á firma The Algarve Trade Cork Corporation deixa muitas desculpas por tê-la enganado em um negocio de cortiças, que fez ainda mais vitimas, ás quaes tambem apresenta desculpas — na impossibilidade de apreciar dinheiro; á firma J. B., de Lisboa, enganada em um negocio de trigo, deixa 80 mil escudos em dividas e a sua mobilia de penhor; ao *chanfeur* que lhe fugira uma vez para Sevilha, o seu automovel; a certo criado, que o servia na letaria da Rua Alexander-Herculano, este estabelecimento com margarina de Sintra e tudo; ao que devia usar as barbas postigos quando se incorporasse no cortejo negro, não deveria agredir, o *apartment* do prédio do Monumental para nêde se esconder em occasião de aperto; a uma sua parente muito proxima, a cauteia de um par de brinco de diamantes que elle empenhara e não restituira. E a Morais de Carvalho, o jornalista que elle encarregou de vir subornar-nos, aprezar de mal

sucedido, deixa-lhe a ponta de um objecto rotoreto e mil agradecimentos.

UM INCIDENTE LAMENTAVEL

Abraçamos um parentesis nesta noticia necrológica para nos occuparmos dos vivos. E' para nós sempre desagradavel ter que brigar com colegas nosos. Morais de Carvalho, infelizmente, nesta questão do Marquês, não se coloca em boa posição accedendo a servir de intermediario para negociar o nosso silêneo. Reimato, Ferreira e Angelo Ferreira, respectivamente. Director e Director-administrador dête semanário, foram as pessoas que se quele profissional do jornalismo, abordou, fazendo as propostas a que nós nos referimos nestas colunas. Essas propostas constituam um vexame, uma afronta, e só um resto de consideração por uma antiga amizade que ambos nutriam por Morais de Carvalho doninaram a indignação que dêtes se appoiara ao escutá-lo. Limitaram-se a recusas corteses, mas firmes, inaballaves. Morais de Carvalho insistiu, citando o nome de outros jornais que — disse elle — haviam recebido dinheiro para se calarem. Ferreira *blague*, chegou a dizer para Angelo Ferreira:

— O' menino, as notas passadas, assim, por de baixo da mesa, sem ninguém reparar... Citamos o seu nome, em nossa defesa, tendo o cuidado de lhe deixarmos livre a porta da sua boa fé illudida pelo Marquês, para dête arosamente confirmar o principal da verdade: os intulhos de sabão daquella titular. Morais de Carvalho, colocado entre o nosso campo, que era o da verdade, e o campo do Marquês, que era o da ignominia, não hesitou em pôr-se a inventar desculpas. Lei de imprensa, desmentindo todos os seus actos. Não publicamos essa carta. Invocou a Lei de Imprensa — use dela até ao fim, porque em Tribuna saberes desmascará-lo.

DESCANSA EM PAZ!

Fechemos o parentesis e prossigamos a noticia necrológica, que tanta consnervação estava causando aos nossos leitores. O fúnebre do Marquês de Sagres realizou-se ontem. Foi o que se chama um lento entêro. Uma longa fila de automoveis estendeu-se desde a sua residência até ao cemitério. Muitas pessoas, por não encontrarem *taxis* na praça, seguiram pacientemente a pé, ajuizadas de *houques*, palmars e objectos de enfeites. Os gatos-pingados tambem choravam.

No cemitério, o individuo que traia, sob o seu casaco, o chapéo alto, uma proveniência suscito de malandro das docas, fez um discurso semeado de *intês* e *despois*, se *culhar* semos e *ca* estemos.

(Conclui na pag. 15)

Coloros e Lagartos

O segredo do negócio dos animais para bruxêdo: cobras, rãs, lagartos, cágados, ratos brancos, sanguessugas e outros bichos repugnantes

O LEITOR, pessoa moderna, desempoeirada, timbuda de século XX, preocupado com o cinema, com o desporto, lendo belas revistas estrangeiras, apreciando bom teatro e bailando, por desfastio, o *fox-trait* ou o *charleston*, nunca pensou na importância que têm para a humanidade certos réptis, determinados animais viscosos, no-

deve ter reparado que a essa hora as mesas se povoa de indivíduos de modos estranhos, personalidades misteriosas que de repente, como que a um sinal dado, se levantam, pegam numas malas que se encontravam quasi escondidas com as cadeiras e desaparecem deixando atrás de si um ambiente cosmopolita e novelesco.

formidável organização da caça e fornecimento dessa bicharada para os laboratórios, o que nós chamaríamos em França a *«fourniture scientifique»*.

«É interessante, como vai vêr.

«Antes da guerra, sei eu que havia em Paris um homem que acumulava uma razoavel fortuna, porque êle era o fornecedor de todos os laboratórios de França. Esse homem estava em contacto com os armazens europeus. Não se admire. As cobaias, nesse tempo, vinham da Hungria. A Itália tambem contribuia muito para a exportação de animais para dissecação, e Portugal fazia passar secretamente, pelas suas fronteiras, ratos brancos.

«O intermediário francês fazia, a par dêsse, outros negócios. Dedicava-se a obter cruzamentos, e até a vigiar as doenças dos animais, porque um animal doente valia muito mais, consoante a escaza da doença.

«Ordinariamente, um rato branco valia, nêsse tempo, entre 40 a 60 centimos; agora não sei. Pois o Instituto Pasteur pagava a 5 francos um rato branco com um tumor no estômago! Ora as condições de vida mudaram. Estamos na época do soro, isto é, em pleno reinado do laboratório.

«Só o laboratório do Instituto Pasteur, em Paris, consoma por ano perto de 12 mil cobaias, uns 5 mil ratos brancos, e quasi outro tanto de rãs! Estas cifras aumentam se considerarmos as necessidades dos outros laboratórios.»

O nosso estranho informador, que tinha êle próprio algo de rato nos olhos pequenitos e negros que rolam espertos em um focinho arrebitado, um pouco de rã ou sapo nos braços curtos que moviam sem se estenderem completamente, espianando para a direita, espianando para a esquerda como se me fiasse de um crime, baixou a voz e confessou-me:

— Ora, eu sei o que a vida é dura; atravessei

(Conclui na pag. 14)



O nosso redactor apegando cágados na Praça da Figueira

jentos, repugnantes, que não se contemplam um momento sem um arrepio.

Cobras, rãs, lagartos, cágados, ratos brancos, sanguessugas, cobaias, tôdo um cortejo de animálcos que rastejam, se contorcem, que sardem de tocas tenebrosas e que, tocando na nossa pele, nos produzem uma indizível impressão de asco— tôda essa bicharia que te mete nójo, leitor, tem ocupado, desde tempos imemoriais, um grande lugar na vida humana.

A imaginação dos homens tem-lhes attribuido malfícios e virtudes, conforme as raças, as regiões e as épocas. Alguns dêsses animais têm sido perseguidos impiedosamente, outros esculpidos em pedra maleavel, colocados em pedestais e altares, e adorados como se fôsssem deuses.

Hoje mesmo, na época dos dirigiveis, das grandes travessias aéreas e submarinas, hoje que se pensa já na realização do grandioso sonho de uma viagem à lua, pousando no outro planeta que rola nos espaços a nosso lado, uma grande parte da humanidade tem por êsses bicharicos repugnantes um respeito profundo e muitos homens vivem da existência dos sapos como outros da existência da luz.

Essas pessoas estranhas que negociam com êsses animais repugnantes gostaria o leitor de conhecê-las. E que préstimo, para essa obscura parte da humanidade que o leitor ignora, poderão ter ratos brancos, lagartos, cobras, cobaias e sanguessugas?

Êis o que vamos revelar levantando uma ponta do véu que encobre essas misteriosas repugnâncias.

Quem tem o hábito de se levantar cedo e tomar o seu pequeno almoço nos cafés da Baixa,

Cada um dêsses homens tem, naturalmente, a sua história. Um dêsse sei eu que já foi negociante de serpentes no Pará. Um outro mostrou tôdo vastos conhecimentos sobre o contrabando de pedras para lapidar que eu fui obrigado a considerá-lo *détective*, nas horas vagas da sua misteriosa carreira...

Ora um dêsse estrangeiros, numa conversa de café, aparentemente banal, pôs-me na pista de um curioso assunto: a vida bizarra dos fornecedores de animais para laboratórios.

— Em Portugal existe uma indústria quasi secreta, porque ninguém dá por ela, mas que põe em movimento muito dinheiro. É a indústria do bruxêdo... Hã gente que se dedica à compra e venda de animais para as operações de feitiçaria, que muitissima gente pratica, muito mais do que se supõe. Em França, o número de consultórios das mulheres de virtude é enorme; em Portugal, é avultadissimo, muito maior talvez.

«Quem fornece essa bicharada, êsse *material científico* a milhares de laboratórios secretos, onde os bruxos e as mulheres de virtude vão buscar unguentos e feitiços para a cura de molestias... incuráveis, para tornar ao bom caminho os maridos adúlteros, e fazer despertar nos corações empedernidos um amor, que uma despetada almeja alcançar?»

«A juntar às necessidades da indústria do bruxêdo, temos ainda o vastissimo consumo de rãs, coelhos, cobaias, ratos brancos, viboras, como material de laboratório. Não se está aqui a vêr, muito claramente, uma grande indústria?»

«Durante muito tempo—continua o meu exótico informador—estudei todas as condições para uma



Uma estranha rã mal humorada

Comício do R 101

VAMOS à repetição sintética do que todos sabem antes de entrarmos na matéria sensacionalista e inédita, e portanto ignorada, supúnos, pela maioria dos portugueses. Na madrugada de 3, caiu perto de Beauvais, Oise, França, o dirigível inglês «R. 101». A aeronáutica criou uma política internacional, que preocupa gravemente as potências. Se muitos países se irmanam nas alturas gloriosas alcançadas pelos seus aviadores — nenhum, como a Alemanha, dispõe do segredo dos ares. O invento do conde de Zeppelin e os progressos formidáveis que os seus sucessores conseguiram nos últimos tempos projectam coagulada sombra sobre as ilhas britânicas. O segredo dos mares, a chave monstruosa dos oceanos, que em inglesa, base do poderio da Grã-Bretanha — desvaloriza-se desde que o ar imenso substitui os mares e os oceanos e que a Alemanha possui o segredo da aviação. Dai a ansiedade com que os ingleses buscam nivelar-se aos alemães para depois os suplantarem e prosseguirem assim na entronização do mundo. Mas assim como os ingleses guardaram, avaramente, o seu segredo, durante séculos — os alemães guardam o seu, dificultando os trabalhos rítmicos, temposos, permanentes, daqueles, na busca do seu dirigível, do rival do Zeppelin.

E, finalmente, a construção do «R. 101» badalou ruidosa, como um escândalo, atraindo a curiosidade emocionada da humanidade inteira. Venceriam os ingleses? Teriam eles tregado para os ares como se haviam alastrado pelas águas — blindados, avasaldadores, inventáveis? E cada vez que se adia a partida, linha-se a impressão do ondular dum murmúrio pelos cinco continentes — quasi um esboço de pateado. Por fim, ergueu-se o «paquiderme aéreo», levando nas suas entranhas 53 oficiais, 43 tripulantes e 19 passageiros, com rumo à Índia — o mais vistoso e rico e apertado uniforme do guarda-roupa colonial da velha Albion. Seguros do triunfo, oferecendo ao perigo em que não acreditavam a vida de um dos seus ministros — o Lord Thompson, ministro da Aviação — queriam marcar o início de novo capítulo histórico com um «raio» aos seus domínios mais brilhantes, e mais ameaçados, como que demonstrando que continuavam rasgados e livres, para os céus, todos os caminhos, mesmo os do céu...

Pouco depois de levantarem vôo, ainda na Europa, ainda em França, há uma explosão, uma helice que se solta e apunhala o torax do dirigível, fendo-o e preparando caminho para que uma chama lambesca a ferida e incendiasse o hidrogénio que o carregava... O monstro revirtevoitou no espaço, numa fúria afilada, como se as chamas que o embaldeiravam o queimasssem e lhe dolessem, e perdido, estorçando fogo, esbanjando labaredas, enxarcando de vermelho a atmosfera; e, como um gigante de além-tumulo, suicidando-se, para a vida, como os vivos se suicidam para a morte, projectou-se do céu para a terra, achatando o seu corpo contra o solo e cuspidão à sua volta dezenas de feridas e de cadáveres... E entre os mortos conta-se o ministro da Aviação... E entre os poucos sobreviventes e ilhos — oito apenas — só se contam oficiais, engenheiros e o telegrafista.

Eis o que já se disse. Eis agora o inédito.

ANTECEDENTES GRAVES

O berreiro, a trepidação nervosa, a agitação, a metralha de conjeturas que se levantou em redor desta catástrofe que, sendo dolorosa e grave, não se acerca, ao fim e ao cabo, pelo seu espólio de vítimas, de tantas outras, marítimas e terrestres, que tem ensanguentado a humanidade nos últi-

mos tempos, veio iluminar, pesar, medir, valorizar a imensa importância política-internacional que nimbava o «R. 101». Não são os feridos, nem os mortos, mesmo o morto illustre que é Lord Thompson, não é o «R. 101» o que que provocou o reboimar da sensação... Foi a intimidade, os objectivos, os antecedentes; e sobretudo o mistério indiscutível e já holofoteado pela própria imprensa inglesa que cerca o dirigível e vela a catástrofe o que exaltou os espiritos. E o «Daily Express» quem diz no seu número do dia 6: «Consideramos um dever tornar público que, em Julho, durante o último vôo de experimentação do «R. 101», foram notados certos defeitos nos «ballonets» de gás e que se ocultaram cuidadosamente esses defeitos. Conscientemente atribuímos a catástrofe ao facto de não terem sido reparados e estudados, com seriedade e a tempo, todos os estragos que o dirigível apresentava.»

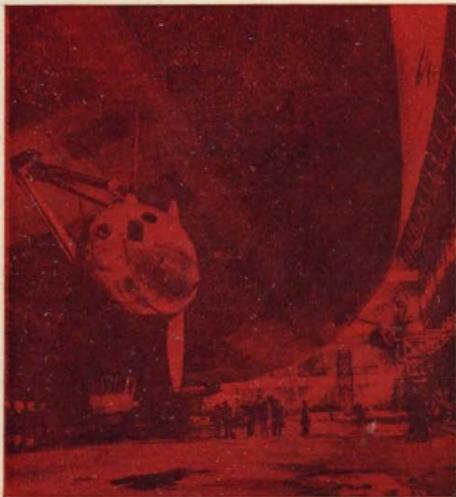
E' grave, muito grave, esta acusação pública de um dos jornais mais honrados e desassombrados da Inglaterra — mas não é de passar como prodígio de raciocínio. Bastava conhecer os detalhes da catástrofe para chegar a semelhante dedução. O que pasma, sim, é que a uma distância de dez anos existisse quem profetizasse a catástrofe do «R. 101» tal como o mundo inteiro a teve de lamentar. E esse alguém é Richard Guillaumin, que em 1920 escreveu o livro de revelações *La guerre et l'espionnage*, que só publicou em 1928, e ao lado do qual *Les dessous d'espionnage anglais* de Charles Stevens é uma pálida imitação.

A PROFECIA

Richard Guillaumin, na sua citada obra (Editions-Nouvelles — Lagore & C., — Rue de Vaugirard 128) dedica um capítulo — o oitavo — à política aérea internacional do futuro e do ressurgimento das campanhas de espionagem, entre as potências, precisamente provocadas pelo problema da aviação. E abre-o assim: «Ao contrário do que a política burguesa optimista prevê, o império hebreu de Moscow não cativamente nem veio probabilidades dessa queda, pelo menos tão cedo. Moscow tem a hostilidade dos governos e das massas governamentalmente — mas dispõe do auxílio secreto de outras massas em muitos países. Portanto, a deslocação dos polos políticos que se esquisam desde a paz assentará, duradouramente e talvez ainda este ano, em Londres-Moscow.»

E ainda na inversa das utopias burguesas, Berlim não ganha (ou perde) com esta fixação de ant-

gonismos mundiais; pelo contrário: reforça-os.» E pouco depois esclarece: «A política britânica (que é mundial) está sob à tirania do problema aeronáutico; e é tão grave para a Inglaterra este problema (para a Inglaterra e para os seus antagonistas naturais) que o «Intelligence Service» tem já organizada à pressa uma vasta brigada de espionagem que absorve os melhores elementos de todas as secções, a começar pelo próprio capitão Harry Scott, irmão mais novo do celebre oficial de



O «R. 101» no hangar, momentos antes da viagem fatal

marinha e explorador. Mas aos ingleses faltam-lhes qualidades intelectuais próprias para as subtilezas exigências do problema. Serão então obrigados a usarem de outros processos para alcançarem o predomínio ou pelo menos a «rivalidade» na aviação. Antes de dez anos (escrevia isto em 1920...) Inglaterra não conseguirá aproximar-se dos progressos máximos da aviação; e mesmo assim, as suas experiências devem repetir-se muitos anos, porque as primeiras serão assinaladas por trágicas catástrofes. Não queremos ser profetas mas podemos garantir que a Grã-Bretanha não só não alcançará o «segredo» da aeronáutica, como será apunhalada por graves atentados.»

DEDUZINDO...

Richard Guillaumin publicou depois um outro livro que não conseguimos ainda obter: «Les aures I. T.» Trata da Guepau e de todas as organizações de espionagem que se defrontam com «Intelligence Service». Sabemos, por citação no «Candido», que se atribui ainda, nesse livro, às lutas pelo segredo da aviação os últimos conflitos entre

UMA REPORTAGEM "A LÁ SURPRISE" EM CASA DO SR. F. L. DE ALMEIDA

SE de facto a grande missão da imprensa é semelhante à do Farol de Alexandria, o farol primeiro, e uma das sete maravilhas da antiguidade; se o Farol de Alexandria era o lúce de luz, o sol da noite para os mareantes que se perdiam nas trevas sob a ameaça de se perderem nas ondas e se o Farol da imprensa é luz do público, rasgando as sombras e arrancando da própria noite o dia da Verdade — porque razão os jornalistas não de cumprir esse seu dever profissional apenas no terreno negativista? Se nós, os reporteres, harmonizarmos o trabalho e a consciencia desmascarando hipócritas e acusando os maus comerciantes, os mixordeiros, os exploradores, conseguindo afugentar dessas burlas o público ingénio ou suggestionado pelos réclames enganadores — porque motivo não havemos de cumprir a outra face dessa mesma missão indicando ao mesmo público quais os comerciantes honrados, quais os negociantes que procuram, honradamente, irmanar os seus interesses com os interesses dos clientes?

Foi em consequência de uma palestra em que o autor destas linhas expôs esta sua teoria profissional que um amigo, que o escutára, lhe cortou a palavra com a seguinte proposta: — «Se tu pensas assim, vem comigo que vou oferecer ao teu jornal uma esplêndida oportunidade de pôres em prática essa teoria.»

E ciceronando-nos conduziu-nos às salas e atelier dos dois alfaiates mais afamados da capital — o sr. F. L. de Almeida, instalado na Rua do Ouro, 191, 5.º an-

dar. Um elevador moderno, rápido e cómodo, nos guindou até à instalação do célebre *tailleur*. Há muito que o nome do sr. F. L. de Almeida esvoaçava à nossa volta — sempre que vinha a talhe de fouce um assunto de elegância masculina ou um conselho para que alguém pudesse vestir com estilizado e sobrio modernismo. Mas precisamente por isso, precisamente por sabermos que em nenhuma outra alfaiataria se encontra um corte tão perfeito, uma confecção tão elegante e cuidada, um «stock» de fazendas mais variado e de melhor gosto e qualidade; precisamente por conhecermos a «élite» de que se compunha a sua clientela — levavamos o nosso pessimismo, aliás legítimo pela força do hábito de ser assim mesmo, a julgarmos que mandar fazer um traje em casa do sr. F. L. de Almeida era um luxo tão caro, tão fóra de todos os orçamentos modestos — que só aos ricos é que seria possível...

Qual não foi a nossa surpresa ao constatar-mos que, pelo contrário, os preços não só rivalizavam pelos mais em conta como, na maioria dos casos, baixaram ao alcance de todos. Mas essa surpresa transformou-se em pasmo quando conhecemos a tarifa dos cortes — dos célebres cortes do sr. F. L. de Almeida — tão accessíveis como nos mais modestos alfaiates. Ora um comerciante que, apesar de ter atingido a categoria profissional deste *tailleur*, se sacrifica para que todo o público seja favorecido pelo seu valor — merece, de facto, ser propagandeado. E por isso escrevemos este artigo, sinceramente satisfeitos.

as brigadas secretas dos vários países — mas ignoramos se éte enriquecia com novos detalhes a sua

pela própria imprensa inglesa. Porque razão, conhecendo as imperfeições, estragos e defeitos do dirigível — o deixaram voar? Porque razão, continuando a ignorar o segredo do Zeppelin, segredo que consiste no gás com que o carregam e que não se inflama nem mesmo em contacto com o fogo, e que só os alemães conhecem, teimaram em carregar o «R. 101» com hidrogénio, incompatível com a «avição perfeita» que éles annunciavam ter conseguido e inflamável, incendiável a menor caricia de um fósforo?

O ENIGMA SUBSISTE

O misterio existe — e tão grave que se alastra ao longo de toda a polittica das potencias. Não somos nós, modestos jornalistas dum país distante e insignificante, quem pode cometer o ridiculo de o querer decifrar. Mas como é livre o direito de raciocinar — repitam as perguntas que acima arremetiamos. E se encontrarem explicação logica para ellas — comuniquem-nas.

Ah! E' verdade! Um detalhe... Os sobreviventes eram todos officiaes e engenheiros... Nem uma beliscadura. O próprio rádio-telegrafista — o eterno mártir destas tragédias por ser sempre o penúltimo ou o último a abandonar o seu posto — saiu são e salvo da tragédia. Quem morreu, entre tantos outros, foi Lord Thompson, o ministro da Aviação... E que morte tão semelhante, em quasi todas as circumstancias, à de Lord Kitchener, lembrem-se? — em plena guerra, afundado no navio que secretamente o conduzia à Rússia para evitar as consequencias do germanofilismo na des-

Cobras e lagartos

(Continuação da pag. 12)

um periodo em que me foi necessário deitar a mão a sanguessugas, a cobras, a rãs, para viver. Nesse tempo as sanguessugas era o que rendia mais. A principio vi-me muito embaraçado porque não tinha um cavallo velho para as apanhar. Admira-se? Com um cavallo velho, que então se alugava por 10 francos, conseguia-se apanhar, de uma vez, isto é, só com um mergulho no charco, uma 200 sanguessugas, que se agarravam à pele do pobre animal. Esta cada rendia uns 50 a 60 francos.

«Conheci nesse periodo de miséria e aventuras um desgraçado que não tinha cavallo. Não se importava. Metia as próprias pernas na água. Tinha um grande orgulho nisso. O pobre diabo julgava-se díste modo um bemeitor da humanidade.

«Teve uma morte muito horrorosa. De repente deixou de aparecer. Otto dias depois, foi descoberto o seu cadáver, horrorosamente desfigurado, na água estagnada de um pantano.»

O meu bizarro informador não montou em Portugal a bizarra industria do fornecimento de animais para laboratório porque, quando pensou nisso, encontrou grandes difficuldades.

O sr. conde da Foz fornece gratuitamente grande numero de cobaias. O Jardim Zoologico fazia outro tanto com os ratos brancos. Por outro lado encontrou um exname de intermediários entre os laboratórios e os salões que vêm de quando em quando à cidade satisfazer as encomendas, por uma bagatela, de sanguessugas, rãs, cobras, etc.. Este fornecimento, actualmente, é um comércio como qualquer outro.

Todos estes productos são comprados por uma insignificancia. Uma cobra pode render 100 escudos. Muito feliz se dará um comprador se a adquirir por metade. O preço é carregado, porque estas cobras são submetidas a custosas operações: benzaduras, mergulho na pia hospital de uma igreja, etc.. Mas 50 escudos, mesmo com o abatimento, é uma continha razoavel.

Uma rã custa, no mercado da Praça da Figueira, 4 escudos! Com abatimento, uma duzia de rãs sal por 50 escudos. Uma sanguessuga importa em 50 centavos! Um cágado custa 15 escudos, como tive occasio de verificar...

Decididamente, Lisboa está cheia de bizarros negócios, de que nós não fazemos a menor ideia.

EDUARDO FRIAS



Mr. Scott, comandante do dirigível

profecia sobre a catástrofe do «R. 101». E enquanto não o temos — vamos deduzindo por nossa conta, apoiados apenas em factos denunciados



Lord Thompson, ministro da Aviação inglesa

nosso alcance, se liga singularmente à autonomia de acção do «intelligence Service 1...»

R. X.

O funeral do Marquês de Sagres

(Continuação da pag. 11)

Ao ouvi-lo fazer o elogio fúnebre do ilustre extinto, recordámo-nos de que, ele dissera a um nosso redactor que, por vezes, sentia saudades da ralé. Comprehendemos, então, o motivo porque aquele malandrad eloquente, mal disfarçado com a sobrecasaca e o chapéu alto, ali se encontrava.

Depois tudo debandou. Das grandezas, das pompas, das ambições, das riquezas e das misérias do Marquês de Sagres, nada mais restava senão um pouco de podridão sepultada, umas pás de terra re-



volvida, uma cruz negra com uma corôa depenurada e uma pedra branca com estas letras esculpidas: *R. I. P.* Que descanse em paz...

MARIO DOMINGUES

Artistas portugueses em Paris

(Continuação da pag. 6)

mas ela, surda e apática, fonografava, sem respirar, tudo quanto lera no papel...

Um acaso fez-nos encontrar Alves da Costa — um dos elementos do elenco de Cavalcanti, um dos justicadamente escolhidos e um dos artistas menos contagiados pelos vícios do teatro. Alves da Costa, que acaba de regressar de Paris, onde, segundo informações directas, brilhou a par dos que mais brilharam nesta especie de cinema português, pertence à nova geração teatral, tendo rapidamente marcado o seu lugar nos palcos de declamação. O seu esplêndido trabalho no gaito do *Autórtido*, ao lado de Alves da Cunha, lançou-o definitivamente. Não é tão pouco um novo em cinema. Representou já em quatro «films» nacionais — tendo-se estreado no protagonista do *Taxi 9297* e merecendo da critica e do publico gerais applausos. Em vão tentámos obter dele detalhes sobre as «farças» interpretadas fóra da objectiva pelos seus colegas — excepçãois. Não os arrancámos nem uma palavra. Da sua admirável correção apenas obtivemos algumas impressões pessoais sobre a extraordinária impressão que lhe causara a grandeza da «Paramount» e pouco mais.

— E' uma organização maravilhosa — disse-nos Alves da Costa, com entusiasmo. — E' uma cidade à parte, com corporação de bombeiros e policia próprios, tudo. E depois, meu amigo, há lá o que nos falta a nós — dinheiro. Artistas, terno-lis, e provou-se isso agora. Dinheiro é que não possuímos. Aquella gente não olha a despesa.

distância. Ia a dirigim-me para cumprimentá-lo... Como foi que entre mim e ele surgiu o «outro»? Não sei... Havia alguns momentos que eu estava-nava no local, conversando com Mário Domingues, num encontro combinado; e posso, poderei assegurar que o «outro» não estava nos arredores... Surgiu... disse-lhe disparado por um alcapão de mágica. E como desde o dia em que eu o conheci, era em «foto», na «Ilustração», até áquele dia, fortes, macabras e repetidas coincidências me tinham chegado a formar uma suspeita horrivel sobre o seu mistério — ao vê-lo aparecer e abordar o pobre Dr. António Martins, senti-me alarmado por um convencimento tão doloroso e imprevisito que os deixei partir, sem rematar o gesto iniciado. O infelic medico acolhera-a com gentileza — sem saber que...

E quando três dias depois os «piacards» dos jornais anunciaram a morte do Dr. António Martins — não me surpreendi. Mas gelei... E' que não podia, mesmo que quisesse, acalentar o consolo dum dia. «Ele» — o «outro» — estava definido para mim!

Não me vou preocupar pela ordem de datas. Hesitei muito antes de escrever esta reportagem... Sempre que evoco o «Arauto da Morte», mesmo que seja no segredo do meu cérebro ou do meu espirito, um mórbido nervosismo me inquietava, me tortura, me desorienta... Obceca-me e assusta-me. Atrai-me como uma labareda; provoca-me ansias de fuga e «telma em demorar-se dentro de mim, numa birra diabólica... Não tenho, pois, calma para metodizar as citações... Registarei os «casos» à medida que eles me acudirem à memória...

Antes da ultima «recida» de Guerra Junqueiro, o «genio nítido e lufocrescente» dos «Simplices», a todo a gente a esperança de uma vitória definitiva ou pelo menos longa, sobre a doença. Os jornais disseram-no porque o ouviram aos medicos. Mas os jornais disseram tambem que «ele», sob o pretexto de lhe solicitar um autografo para a biblioteca de Z... (folheem os jornais da epoca) viuistoo o grande poeta... E o grande poeta recuou ao leite e já não se levantou mais. O embaxador Regis de Oliveira, pai, era um dos mais idosos

E para nos dar o exemplo da abundância monetária contou-nos:

— Um artista estrangeiro filmava umas scenas, que se estragaram depois. Quando na «Paramount» deram pelo desastre já esse artista, contratado por outra companhia, se encontrava na Bélgica trabalhando. Era, porém, imprescindível que elle viesse a Paris repetir as scenas estragadas. Não hesitaram: alugaram um avião que foi à Bélgica buscá-lo para filmar em Paris, e horas depois o mesmo avião depunha-o no local de onde o trouxera.

— E é muito o trabalho?

— Extremamente. Fagamos bem, mas aproveitamos bem os nossos recursos. Chegá-se a trabalhar desde as sete e meia da manhã até ás 11 da noite.

— Quais foram os principais interpretes portugueses do «film»?

— Corina Freire, a vedeta, desempenhou o papel de *Clara Serrano*; Ester Leão, *Madame Ashmore*; Alexandrina Cayvedo, *Ashmore*; Raül de Carvalho, Stanley; António Sacramento, Raül Reis, *apache*; Fernanda de Sousa, *enfermeira*; Guilherme Reis, *Boby*; e eu *Jim Grey*.

— E como se chama o «film»?

— «Canção do bêgo». Quisemos saber quem, de todos os artistas, mais se distinguia. Alves da Costa, apresentando-nos as suas despedidas, com o seu melhor sorriso, disse-nos apenas:

— Todos bem, muito bem.

diplomatas do Brasil — mas rijo de corpo e de espirito. Dias antes da sua morte, recebeu uns amigos. «Ele» foi tambem à embaixada. Quem o levou? Ignoro. Dias depois o Dr. Regis de Oliveira era fúnebrado por uma sincope, em pleno passeio pela cidade.

Essa diáfana figura da República que foi o Dr. Manuel de Arriaga morreu, minado de desgostos, disseram — quando eu era redactor de *A Capital*. Foi encarregado da reportagem... Recordo-me o que me contou um dos seus mais intimos amigos: O pobre Manuel parecia salvo há dois dias. Resolveu até receber um estrangeiro que vive há muitos anos em Portugal e que, vindo informar-se da sua saúde, solicitara falar-lhe e cumprimentá-lo.

Quem era esse «estrangeiro que vive há muitos anos em Portugal»? O mesmo da «foto» de D. Carlos; o mesmo do Dr. Regis de Oliveira; o mesmo de Guerra Junqueiro. O Dr. Sidónio Pais, no próprio dia do fatal embarque para o Porto, perdoo, para a Morte, recebeu-o no seu palácio. Foi a unica audiência desse dia. Está nos jornais. E horas depois era morto, na estação do Rossio. Em 15 ou 16 de Outubro esse estrangeiro, representando um «trust» financeiro, conferencia com Antonio Granjo; e na manhã seguinte vêem-no falar com Machado Santos num café da Baixa.

Ernesto Rodrigues, o mais hábil construtor de comédias que teve o nosso teatro, informou-me, com natural alvoroço, que lhe tinham solicitado os direitos do «Conde Barão» que ser traduzido em... Quem falara com Ernesto Rodrigues com esse objectivo? «Ele»! Sempre «ele»!!! E Ernesto Rodrigues pouco mais durou. Na noite do segundo casamento do admirável André Brun — vejeo de descer o cunhado com sua esposa. Frente à Livraria Portugal-Brasil há um encontro. Com quem? Com «ele»! André Brun hesita em corresponder ás felicitações que «ele» lhe dirige — aparentando desconhecê-lo. José Ricardo representava «Os dois garotos», no Nacional. Durante um ensaio foi surpreendido pela voz de um desconhecido que perturbava os trabalhos scenicos. Encolerizou-se. Expulsou-o do palco! E quinze dias depois — morria repentinamente em Sintra. Quem era esse desconhecido? «Ele»! Pouco antes da morte de Columbano prestou-se homenagem publica ao mestre. Quem se associava inexplicavelmente a esse acto de justiça? «Ele»! Está na fotografia do «A B C». Augusto Gil, Lucinda, Angela Pinto e Brásvira, lalaram, escutarámo-nos pouco antes de morrerem!

O Marechal Gomes da Costa adoececia. Fômos deixar o nosso bilhete na sua residencia — ás avencidas novas. Quando o «taxi» frenou frente à casa do Marechal — vimos sair de lá um homem magro, duma magreza afilada de galgo, escaveirado, pálido duma nuance rósea, olhos fundos, exageradamente elegante:

— Mau agouro! — murmurou o meu companheiro. — Pobre marechal! Não se salva!

— E não se salvou. Era «ele»!!!

REPORTER X

QUEREIS DINHEIRO ?

Jogai no

Guma

Rua do Amparo, 51—LISBOA

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$80 para registoo

SEMPRE SORTES GRANDES!!!

Z.

Se pretender

já hoje lhe entregaremos

A GRAFONOLA
da marca que lhe interessar
O APARELHO RADIO
do modelo que preferir
OS DISCOS
com assuntos de que mais gostar
OU A GABARDINE
que melhor lhe servir

! bastando somente inscrever-se
nas nossas VENDAS A PRESTAÇÕES
com bonus (sem aumento de preço)



CASA DOS GRAMOFONES
Sede: — 508-R. DO BOMJARDIM-590
Filial — 397-R. DO BOMJARDIM-397
Telefone, 2609 — PORTO

Ao fazer as suas compras,
não esqueça a conhecida

CAMISARIA SERRA

que é a casa que mais barato
vende e melhor sortido tem
em Camisas, Gravatas, Peu-
gas e Artigos de novidade. ≡

281, R. Mousinho da Silveira, 287—PORTO

O PAPEL DE FUMAR



CONQUISTOU
O SEU LOGAR PELA
QUALIDADE

Procure-nos sem demora

para realizar dinheiro!!!



VENDA
DE
PRÉDIOS
E
EMPRÉSTI-
MOS
SÓBRE
HIPOTÉCAS

BARROS
O decano
dos
agentes

Rua Mousinho da Silveira, 163, 1.º
Telefone 489
PORTO

PARA O TEMPO QUENTE

TODDY FRIO

UM REFRESCO E UM
ALIMENTO RECONSTITUINTE NUMA SÓ BEBIDA

Prepare o seu **Toddy**
com um copilador

AVENDA EM TODA PARTE

Martina L.
29, C. DE S. FRANCISCO, 37 - LISBOA

Gostam de novelas policiais?

Até hoje a literatura policial, a mais popular
de todas, tem sido sempre estrangeira

A Novela Policial

procurará publicar de preferência episódios desenrolados no nosso país. ■ ■ ■

A Novela Policial

publicará todas as semanas um episódio emocionante, cheio de interesse e de imprevisto, de autores predilectos do público. São 16 páginas de leitura empolgante e brilhantemente editadas e ilustradas.

Capa a cores = DIRECÇÃO: = BREVEMENTE
Preço: 1 ESCUDO REINALDO FERREIRA (Reporter X)